



O formoso sítio de Marvila

O formoso sítio de Marvila

LISBOA

Carlos Consiglieri
Marília Abel



Edição da Junta de Freguesia de Marvila 2002

O formoso sítio de Marvila

Os autores



Carlos Consiglieri

Licenciado em Economia e Especialização em Economia Política Avançada, pela École des Hautes Études, Paris.

Autor de várias obras, nomeadamente:

Teófilo Braga e os Republicanos – Organização e Introdução, Veja, 1986; Olivença – Reflexões sobre Usurpação e Aculturação, Edições Garrido, 2001; Cronologia de uma Vida: Padre António Vieira, Colares Editora, 2001. Participou com comunicações em diversos seminários e congressos.



Marília Abel

Investigadora e Técnica de Formação Profissional na área das Ciências Sociais – História e Património Cultural.

Participação em diversos congressos e seminários nacionais e internacionais.

Colaboração em jornais e revistas e diversos trabalhos publicados. Associada e directora em organizações de carácter cultural.

Co-autoria de Marília Abel e Carlos Consiglieri

Os Comeres do Mar da Palha, Colares Editora, 1998; O Bacalhau na Vida e na Cultura dos Portugueses, Academia do Bacalhau, 1998; A Tradição Conventual da Doçaria de Lisboa, Colares Editora, 1999; Oh! Sardinha Linda, Colares Editora, 2000; À Mesa do Tejo, Edições Garrido, 2000.

Em colaboração com outros

Elementos Para a História da 1.^a República – A Economia e a Acção de José Relvas, Câmara Municipal de Alpiarça, 1984; Pelas Freguesias de Lisboa (seis volumes), Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Educação; A Contribuição Portuguesa, in Viagem Gastronómica através do Brasil, Editora Estúdio Sónia Lobato, São Paulo, Brasil, 2001.

I. Apresentação

Uma história recheada de valores



Este livro, que os autores do texto – os investigadores Marília Abel e Carlos Consiglieri – intitularam de “O Formoso Sítio de Marvila”, é a primeira grande obra literária inteiramente dedicada a Marvila, que nos relata testemunhos incontornáveis de uma história de enorme riqueza.

O património histórico de Marvila e as grandes transformações sociais, que remontam à pré-história e ao período romano-visigótico, passaram, ao longo dos últimos séculos, por diversas vicissitudes até aos dias de hoje.

Este primeiro registo histórico vai, com certeza, despertar muitas consciências para a necessidade de prosseguir na recolha de mais realidades para que os marvilenses possam conhecer

melhor o espaço que escolheram para viver, muitos deles que um dia aqui chegaram oriundos de outras terras, acabando por participar no fascínio do progresso que está bem patente no quotidiano.

A elaboração de um documento que proporcionasse aos marvilenses o reencontro com um passado feito de muito trabalho, no mar, no campo e na indústria, nasceu de uma ideia amadurecida ao longo de alguns anos na Junta de Freguesia de Marvila, a que o actual executivo deu corpo. Reconhecemos, contudo, que fica por registar, num outro momento que a vida permita, a autêntica revolução operada neste enorme território, durante a última década do século XX e os primeiros anos do século XXI.

A Junta de Freguesia de Marvila aproveita a oportunidade para agradecer a colaboração da equipa – além dos autores do texto – que tornou possível a concretização de uma obra que julga ter a dignidade que os marvilenses merecem.

*António Augusto Pereira,
presidente da Junta de Freguesia de Marvila (2002)*



Simbologia

Brasão: escudo de prata, dois perfis de carril de negro e uma roda dentada de vermelho; campanha ondeada a azul e prata. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com legenda a negro: "Marvila-Lisboa".

Bandeira: de vermelho. Cordão e borlas de prata e vermelho. Haste e lança de ouro.

Justificação da simbologia

Carril, representa os caminhos de ferro, que foram um dos pólos de desenvolvimento da Freguesia.

Roda dentada, significa a existência de grande número de unidades industriais na área da Freguesia.

Ondeados de duas faixas de azul e uma de prata, como referência ao rio Tejo, que banha a Freguesia e que foi um dos grandes meios de desenvolvimento da mesma.

O seu orago é Santo Agostinho.

Eduardo Jorge Lourenço Brito é o autor do brasão. O parecer favorável da Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses foi publicado no "Diário da República", N.º 167, de 20 de Julho de 1999, pág. 15 321 (III Série).

III. Contar história

Quando tudo começa nas praias

Como vimos, há quem afirme que a palavra Marvila resulta da aglutinação de *mare* (mar) e de *villa* que significa local de descanso e de lazer. De origem latina, portanto.

A verdade é que povos antigos chamavam mar ao estuário do Tejo e que a frente ribeirinha de Marvila constituiria, então, uma zona de acesso privilegiado.

Este território integra-se numa zona que, em eras geológicas mais recuadas, esteve submersa pelas águas, sendo ainda hoje frequentes os testemunhos marinhos, documentados por conchas, búzios e outros fósseis, a par dos vestígios de fauna próprios dessas épocas, como o célebre crocodilo de Chelas exposto no Museu dos Serviços Geológicos de Lisboa, ossos de mastodonte e outros espólios remotos.

A natureza do subsolo permitiu desde logo a extracção de areia e de outros materiais que seriam utilizados localmente. A proximidade do rio Tejo e a sua situação de certo modo alterna com declives pouco acentuados, se comparados com o resto da cidade oferece perspectivas de beleza paisagística.

De igual modo, são conhecidos vários vestígios do actual território da Freguesia de tempos pré-históricos. É o caso da placa de xisto ornamentada, com cerca de 5000 anos, encontrada na extinta Quinta da Farinheira,



> Crocodilo de Chelas, exposto no Museu dos Serviços Arqueológicos de Lisboa

próximo do Largo do Broma. São os testemunhos revelados em Chelas, em lápides, ou do friso de um sarcófago datado do século III. Ou a revelação, em Poço de Cortes, da necrópole lusitana-romana, onde foram recolhidas uma lápide e três aras votivas, bem como diversos espécimes muito importantes para o estudo da ocupação deste território. Ou, ainda, a lápide funerária romana, encontrada no século XVII, na Quinta de Bela Vista.

A diversidade e a importância destes achados dão-nos a certeza de que o território teve uma ocupação antiga e permanente, também porque se revela, em Chelas, a presença visigótica, onde foram encontradas, no sítio do convento, pedras ornamentadas com motivos hispano-godos que, provavelmente, teriam integrado algum templo.

A proximidade de Chelas ao rio permitia que estivessem criadas as condições para que, no século VII, se fundas-



> Janelas, azulejos, portaria e átrio do Convento de Chelas, no Largo de Chelas

se o Convento de Chelas, para assinalar o ano de 665 como o da chegada das relíquias de São Félix e dos companheiros mártires. Não há dúvida de que o Convento de Chelas, cuja localização geográfica representava a entrada do território pelo vale que o circundava, foi, no século IX, em pleno domínio muçulmano, que recebeu as relíquias dos mártires Santo Adrião e Santa Natália, as quais, para além de outras e profundas implicações religiosas, viriam a dar-lhe a designação de Convento de São Félix e Santo Adrião.

Os vales formosos

Se a zona ribeirinha constituía paragens de grande atracção para o homem, os vales que se abriam para o interior – vales pouco profundos, harmoniosos e de grande suavidade de ar e de clima – para além de proporciona-

rem vias de acesso fácil, eram convidativos ao lazer e a actividades agrícolas pela ruralidade construída ao longo dos anos. Mas se os vales eram as vias de ligação, as suas encostas e os espaços altaneiros possibilitavam as condições para o lazer – caça e outras práticas de diversão.

Logo após a conquista de Lisboa, em 1147, o Mosteiro de Chelas foi reedificado e ali se estabeleceram monjas de Santa Cruz de Coimbra. Crónicas religiosas relatam o protagonismo da irmã Justa Rabaldes, a primeira priora de Chelas.

Dois anos após a tomada da cidade, D. Afonso Henriques faz a doação à Mitra de Lisboa de *todas as rendas e terras de Marvila que possuíam as mesquitas dos mouros*. A Herdade de Marvila ocupava uma área que é hoje de difícil determinação, mas, seguramente, seria muito extensa entre o Convento do Beato e o Poço do Bispo, alon-



> Marvila rural e bucólica

gando-se muito para o Norte. A riqueza deste território fez com que, em 1150, o bispo de Lisboa, D. Gilberto, separasse metade das terras de Marvila, dividindo-a em 31 porções que foram entregues aos cónegos da Sé. Foram estas courelas que deram origem a várias das quintas de Marvila, a partir do século XV.

Alguns escritores clássicos deixaram registos dos aspectos ambientais desta zona, que, não estando bem de finida, se centralizava no vale de Chelas e Xabregas, o que corresponde, parcialmente, ao território de Marvila. Fernão Lopes, na “Crónica de D. Fernando”, escreve, no século XIV:

Enxobregas, no começo de um vale de muitas e aprazíveis hortas.

Mais à frente, acrescentava: *O sítio mais são, deleitoso e alegre que têm os arredores de Lisboa.*

Por fim, informa-nos que o sítio seria constituído de mil

lugares frescos, olivais, quintas e terras, pomares mui deleitosos, casas, jardins e hortas frescas.

No século XVI, Francisco da Holanda, ao escolher o vale de Chelas para a construção dum grande paço (que nunca foi edificado) descreve que o local (Enxobregas) *é o mais escolhido e livre lugar e de melhor vista que há em Lisboa.*

Quanto ao ambiente, ele afirmava que o rei, D. Sebastião, veria *nascer a aurora e o sol com os primeiros raios sobre o mar do meio dia, e sobre o rio Tejo, com as barcas, e com hortas e jardins da parte do Norte, para nunca poder ter enfadamento enquanto lhe for forçado estar quieto em as obrigações de seu Estado.*

Voltemos, porém, ao Mosteiro de Chelas. Teve doações régias, em 1191 e no ano seguinte, carta de protecção real, em 1225 e privilégios papais, em 1234. A importância e a influência do Mosteiro de Chelas foram con-



> Tanoaria da Rua Fernando Palha, a única existente em Lisboa

tectura do ferro assente em alvenaria.

Marvila foi contemplada com cinco: o da Azinhaga das Salgadas, o de Braço de Prata, o da Rua do Vale Formoso de Baixo, o da Rua Direita de Marvila e o da Praça David Leandro da Silva.

Destes cinco chafarizes, quatro são de encosto, visto estarem adossados a um muro ou a uma parede, e perderam a monumentalidade dos chafarizes barrocos a favor da funcionalidade, pois trata-se de chafarizes que têm por finalidade servir populações carenciadas, com tanque de pedra e marco fontanário em alvenaria ou ferro fundido com uma ou duas torneiras; e, o quinto, um chafariz destacado, com tanque de pedra oval e marco fontanário excêntrico ao tanque, com uma torneira.

Mais tarde, o mobiliário urbano seria enriquecido com outros espécimes, alguns dos quais ainda permanecem

em espaços públicos, tais como urinóis, bebedouros, bancos e quiosques.

Transportes e mais fábricas

Desde sempre que o rio Tejo e o seu estuário mereceram a atenção dos responsáveis pelo crescimento económico da cidade. Ao longo da história da urbanização de Lisboa, as zonas ribeirinhas foram sendo reguladas e construídos aterros para os mais diversos fins, com os respectivos cais, estaleiros, pontes, acessos, diques e todo o tipo de estruturas necessárias a cada avanço na vida ribeirinha.

Como vimos, a instalação, no século XIX, de fábricas à beira do Tejo, alterou profundamente a fisionomia da orla fluvial, ocupando algumas quintas e palácios, destruindo os espaços das verdejantes hortas e até destru-



> Sede da Cooperativa de Braço de Prata > Armazéns do Porto de Lisboa e construção de novos edifícios

indo as antigas manufacturas que, por sua vez, tinham também ocupado alguns edifícios existentes. Os aterros continuaram a ser a solução apetecível para as condições do desenvolvimento industrial.

Dois pequenos excertos, de Norberto Araújo, podem testemunhá-lo:

E por Xabregas, Beato e Grilo – alfobre de mosteiros – sítios onde as fábricas, os cais e as pontes se sucedem e confundem gritando trabalho.

(...)

Recuou o Tejo, para que Lisboa não houvesse que se queixar: a Cidade precisou dele, e – pois bem! – o rio deixou-se subverter.

Depois da implantação da República, foram construídos novos cais e docas por toda a orla oriental de Lisboa. Em 1942, é criada a Zona Industrial do Porto de Lis-

boa, com uma doca do Poço do Bispo à Matinha e, depois, Beirolas. Aparecem a Fábrica de Gás na Matinha (1936/40) e instalações de refinação e de armazenamento de petróleo em Cabo Ruivo, estas últimas altamente poluentes. Em dias de nevoeiro ou de chuva, como os fumos não subiam tão facilmente para a atmosfera e o cheiro era intenso, era comum a população dizer: “Hoje cheira a SACOR.”

Por decreto de 1946, elabora-se o Plano de Melhoramentos na já existente Zona Oriental: o cais acostável entre Xabregas e Poço do Bispo; a doca do Poço do Bispo; a regularização da margem entre Matinha e Cabo Ruivo, continuando-a até Beirolas. No Poço do Bispo, é ainda construído um terminal para cereais. Assim, o rio foi subvertido, como diria Norberto Araújo, para fins industriais, desaparecendo por completo os antigos areais, um dos quais o da Matinha.



> Gasómetro da Gás de Portugal antes do desmantelamento

A partir de 1970, chega a hora da contentorização, que constitui o aparecimento do último bloqueio, mais uma barreira intransponível para a ligação das populações ao seu rio.

No Guia do Património Industrial, Deolinda Folgado e Jorge Custódio sintetizam as principais transformações que vieram definir o perfil litoral a Oriente, onde se inclui Marvila, do seguinte modo:

Tudo contribuía para a moldação dos efeitos portuários, desde a produção de Alcatrão da Matinha, à refinaria de petróleo em Cabo Ruivo, à localização de empresas de transporte nos Olivais, até às novas máqui-

nas de asfaltar. Acompanhando o traçado rectilíneo das margens ribeirinhas – obra de engenheiros hidráulicos – rasgava-se a Avenida Marginal, a Infante D. Henrique – obra de engenheiros de estradas. Os espaços entre as antigas fábricas e oficinas (situadas na convergência dos seus factores de sucesso), e a linha do novo porto, tornam-se propícios a uma certa planificação de localizações de indústrias. Veja-se a diferença entre as instalações fabris da João de Brito e a moderna moagem e os silos da Portugal e Colónias.

É deste período a instalação de dezenas de tanoarias,



> Aspecto geral da Gás de Portugal

naria, até há bem pouco, uma das maiores em presas empregadoras da cidade. A Tabaqueira, por seu lado, com um pavilhão de estrutura de ferro datado de 1888, só se instalaria anos depois. Ainda entrariam em laboração três importantes unidades transformadoras de cortiça: Narciso Villalonga (Rua do Açúcar); António Bonneville (Estrada de Braço de Prata); e Fuertasy Comandita (nas proximidades da Quinta da Mitra). Para se poder avaliar a importância proletária destas três fábricas, basta referir que os corticeiros se organizaram e criaram uma associação de classe, com sede no Alto de Marvila. Esta associação publicou, em 1906, um órgão denominado “O Corticeiro”, jornal que defendia os operários desta indústria, particularmente as mulheres e as crianças que trabalhavam nas fábricas. Uma das primeiras greves após a implantação da República, em 1910, foi desencadeada pelos corticeiros de Marvila e

do Poço do Bispo.

Como se afirma no livro “Pelas Freguesias de Lisboa”: *Está por estudar detalhadamente o papel do operariado na Revolução Republicana, mas há indícios de ter sido muito relevante. Sabe-se que havia revolucionários civis (organizados nas associações secretas) na Fábrica de Borracha, Fábrica dos Fósforos, bem como em Braço de Prata e Poço do Bispo. Em 1908, tinha sido preso um carbonário na Rua José do Patrocínio. Em 1892, tinha sido constituído o “Grupo Anarquista do Poço do Bispo”.*

Na verdade, o proletariado desta zona fabril que habitava em muitos dos pátios e vilas do território que hoje pertence a esta Freguesia, mas, também, em muitos outros locais da Lisboa Oriental e que se deslocava no “eléctrico operário” ou a pé, levava o almoço e o jantar em lancheiras



> Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata, no Poço do Bispo

ligadas ao desenvolvimento da comercialização do vinho, já que o Poço do Bispo e, particularmente, a empresa Abel Pereira da Fonseca se tornara um dos mais importantes entrepostos de vinho produzido no Ribatejo e no Alentejo. Também o facto de Domingos Barreiros estar instalado no mesmo sítio atesta o grande valor comercial que este produto assumia, face ao crescimento populacional da cidade de Lisboa, seu primeiro consumidor. Empresas que fizeram com que no Poço do Bispo se mantivesse, durante anos, uma actividade ou ofício tradicional, hoje, na prática, extinta na Freguesia dos tanoeiros. Ainda há pouco tempo se podia ler nos matutinos entrevistas com estes artesãos que iam anunciando o seu fim.

Um dos últimos tanoeiros, António Roque, informa que os materiais são:

(...) *a aduela, um pedaço de madeira de castanho, vem*

cortada da serração segundo um molde que lhe dá a forma de uma pequena barriga ao centro e está direita. É preciso dobrá-la na forma de pipa (côncava), para isso vamos aquecer a madeira num pequeno fogacho. Depois, com um «macaco» vamos puxando até que a aduela verga. Colocamos os aros de metal à volta, prendemos e damos os acabamentos.

Assim eram feitas as pipas e, no Poço do Bispo, não faltava quem as comprasse.

De igual modo, as exportações de vinho para as colónias faziam com que o caminho de ferro e o Porto de Lisboa fossem os meios fundamentais para este comércio.

As unidades fabris cresciam ao longo da Rua do Açúcar, partindo de Braço de Prata. Mas também a Fábrica de Material de Guerra, instalada de 1904 a 1908, se tor-

IV. Como se vive

As sucessivas vagas de pessoas – homens, mulheres e crianças – que vieram para Marvila para trabalhar ou habitar, recriaram, neste contexto geossocial, formas culturais e de lazer que ainda hoje são detectáveis através das manifestações culturais que se realizam.

Também as pessoas que todos os dias invadiam a Zona Oriental da cidade para angariarem sustento nas fábricas e oficinas, muitas delas oriundas de distantes pontos da cidade – Graça, Vale Escuro, Picheleira, Alto do Pina, etc. – deixavam, nas suas relações quotidianas, formas de estar e de pensar que influenciavam as populações locais.

Os que arranjavam trabalho fixo procuravam viver perto do emprego, pois as longas jornadas de doze e mais horas, assim o exigiam. Casas muitas vezes em regime de subaluguer ou sem condições de habitabilidade. Daí o aparecimento de núcleos habitacionais que, agregados mais tarde, formariam pátios e vilas.

A permanência de milhares de trabalhadores trouxe uma nova vida social que se reflectiria, de várias maneiras, no modo de estar em Marvila. As tascas, as casas de pasto, as baiucas, as locandas e muitos outros lugares serviram para as práticas culturais que muita dessa gente trazia das terras da sua naturalidade. Foi desta maneira que nasceram associações, muitas delas a funcionar em tabernas, enquanto algumas se estabeleceriam em modestas sedes, em edifícios degradados, com rendas pagas por subscrição à porta das fábricas. E quantas não funcionaram mesmo na rua ou em casa dos caro-

las? Foi assim que surgiram as primeiras colectividades, os “cofres” de mutualismo ou os peditórios ltuosos. Muitas destas iniciativas eram concebidas nas almoçaradas nas hortas e nos retiros existentes na antiga Estrada de Sacavém e em muitos outros pontos deste território como, por exemplo, em Cabo Ruivo.

Muitas subsistem, ainda, outras foram acabando. Destas últimas, duas há de que existem referências e que se recordam.

Angelina Vidal, em 1900, ao falar da vida nas fábricas e das mulheres e rapariguitas que nelas trabalhavam, lembra uma destas colectividades:

Também existe uma associação musical em Chelas, constituída por operários. Na sua origem, que data de perto de 25 anos, teve o nome de Timbre Fabril Chelense. Hoje a filarmónica que existe denomina-se Sociedade União Chelense.

Uma outra associação, também já extinta, nasceu na Matinha, mas teve diversas sedes por Lisboa. Zacarias da Silva, nos anos 40, dedica-se ao estudo destas instituições e conta o historial da Sociedade da Matinha. Como tudo começou:

Uma das colectividades ainda existentes, cujas raízes mergulham fundo na Lisboa de outrora, é, sem sombra de dúvida, a Sociedade da Matinha.

Estando no auge a prática do jogo da malha, um grupo de rapazes da fina flor alfacinha foi até fora de portas para aproveitar as suas horas de ócio.



> O Bairro Chinês, local de acolhimento de milhares de operários > Demolição do Bairro do Relógio

Numa pequena locanda em Cabo Ruivo houve nessa tarde suculenta almoçarada, seguindo-se uma partida do jogo, em terreno anexo.

Aquela tarde entusiasmou-os e nos domingos seguintes foram percorrendo outras locandas, até que se fixaram numa existente na Matinha, cujo proprietário os soube cativar.

O convívio foi-se mantendo mas um dia surgiu uma contrariedade que levou à sugestão de se criar uma colectividade e, ao cabo de algumas reuniões, surgiu a Sociedade da Matinha, evocação saudosa do local onde haviam passado belas tardes. Logo nos primeiros dias aglutinou 25 sócios.

A sua primeira sede foi instalada no Alto da Rotunda, onde viria a ser construído um quartel, e aos domingos, munidos dos farnéis, ali confraternizavam. Depois, pas-

sou para um quintal na Rua do Salitre, onde o passatempo favorito era o chinquilho. Em 1874, volta a mudar, para dependências no Palácio Foz, cedidas pelo Marquês de Castelo Melhor. Quando o palácio foi comprado pelo Estado, a Sociedade foi forçada a inaugurar a quarta sede. Desta vez no Largo do Intendente, na antiga residência de Diogo Pina Manique. Que se saiba, nunca mais voltou ao lugar que lhe deu o nome – a Matinha.

Assinale-se que este movimento foi criado ao longo de anos, com avanços e recuos do movimento associativo, conforme as épocas e a política repressiva ou de liberdade que o povo português viveu. E as classes laboriosas que deram o contributo para a sua criação, funcionamento e desenvolvimento, nelas passaram a usufruir os seus momentos de cultura: os jogos de mesa (cartas, damas, etc.), os jogos tradicionais (chinquilho e outros),



- > Arco junto à sede de "Os Magriços" (entretanto demolida)
- > Sede do Clube de Futebol de Chelas (um autocarro de dois pisos)

bailes e récitas (algumas com fins caritativos e quermesses), sessões de fado, teatro amador, bandas e conjuntos musicais. Para além da angariação de fundos para a realização de jantares e excursões com boas prestações gastronómicas.

A diversidade das associações existentes na Freguesia, bem como a variedade das actividades desenvolvidas, atestam a riqueza desta grande realidade de cultura popular. Presentemente, e pela consulta do inventário anexo, poder-se-á aquilatar do que afirmamos.

No campo estritamente cultural, destacam-se na Freguesia: a Biblioteca Municipal do Vale Fundão, os Amigos de Lisboa, o Centro de Documentação da Fundação Oriente, Instituto Piaget, LPDM – Centro de Recursos Sociais (Escola de Produção e Formação Profissional para Deficientes e não Deficientes), CERCI, Comité Português para a UNICEF, as bibliotecas especializadas

do ISEL e do ESAI, bem como a existência de várias outras disponíveis em associações ou pertença da própria Câmara.

Quanto aos Amigos de Lisboa, face aos anos da sua existência e aos objectivos a que se dedica, convém aqui deixar um pequeno historial da importância desta associação para a cidade de Lisboa.

A fundação deste grupo deve-se à persistência de César da Silva que, após a extinção da Secção de Arqueologia Lisbonense da Associação dos Arqueólogos Portugueses, defendeu que *quando o critério defendido pela Secção não tivesse vencido, devia criar-se o Grupo dos Amigos de Lisboa, porque, a despeito de tudo, é isso que esta Secção representa.*

Com este propósito, Norberto Araújo, Gustavo de Matos Sequeira e Luís Pastor de Macedo, em artigos nos jornais da época, vão fazendo germinar esta ideia duma



> Sede do Clube Oriental de Lisboa
> Campo de futebol "Eng.º Carlos Salema",
do Clube Oriental de Lisboa



associação de defesa do património olissiponense. Constitui-se uma comissão organizadora de 100 sócios fundadores que, em 1936, realiza a assembleia constituinte do novo grupo e aprova os estatutos na Sociedade de Propaganda de Portugal, ao Chiado. Foram presidente e secretário-geral, respectivamente, Augusto Vieira da Silva e Luís Pastor de Macedo, na Direcção estiveram nomes como Gustavo de Matos Sequeira, Eduardo Neves, Mário Sampayo Ribeiro, Norberto Araújo e Leitão de Barros.

Em 1938, sai o primeiro número do boletim desta associação com o nome de "Olisipo" que passaria a ser o órgão oficial do grupo, noticiando as suas actividades e, principalmente, dando a conhecer novos trabalhos de investigação sobre Lisboa, divulgando-a sem nunca esquecer a defesa do seu património de todos os elementos identificadores, como obrigam os seus estatutos.

Os melhores artigos sobre a cidade de Lisboa podem ser encontrados no seu boletim, sendo por isso muito procurado, nomeadamente nos alfarrabistas. Hoje, mantém o título e a periodicidade, bianual, com temas onde vai sendo actualizada e descoberta na velha Lisboa, uma nova.

Por se tratar de uma associação sem fins lucrativos, cedo, bem cedo, começou a sentir o peso dessa opção, o que se confirmou com a necessidade duma sede. Depois da Sociedade de Propaganda de Portugal, pensou-se no Grémio Literário e no pavimento superior do Arco da Rua Augusta. Acabou por se instalar na Rua Garrett, 62 – 2.º, depois no Largo Trindade Coelho, 9 – 1.º e, por fim, em 1975, no Palácio da Mitra – Rua do Açúcar, por gentileza da Câmara Municipal de Lisboa, onde ainda se encontra.

Os objectivos iniciais têm-se mantido ao longo dos anos,



> Festival de folclore da Casa do Concelho de Castro Daire > Banda da ACULMA actua na igreja de S. Maximiliano Kolbe

apesar de já terem sido revistos e que são: defender o património artístico, monumental e documental olissiponense; contribuir para o estudo e solução dos problemas de urbanismo e expansão de Lisboa; criar, por todos os meios ao seu alcance, correntes de opinião pública que reforcem a acção colectiva do grupo e estimulem o gosto pelos assuntos que interessem a Lisboa e seus arredores; dar o seu parecer, quando solicitado, a instituições oficiais e particulares que se ocupem da administração, da defesa e do progresso da cidade. Ao longo destes anos de actividade efectiva, criou uma biblioteca especializada em olissipografia, informatizada e devidamente classificada e organizada segundo os métodos actuais e que está aberta ao público em geral. As obras para consulta resultam de aquisições, ofertas de instituições, sócios e outras pessoas que vêm nos Amigos de Lisboa a entidade certa para receber doações e

diferenciados tipos de espólios.

Com essa prática, o grupo possui uma colecção de gravuras sobre a cidade de Lisboa, algumas peças arqueológicas, pinturas, uma velha colecção de almanaques e outra de miniaturas de chapéus de trajos etnográficos. Tal como nos primeiros anos de existência, já lá vão muitos, continuam as visitas culturais guiadas à cidade e seus arredores e, também, pelo País ou estrangeiro, desde que o tema da visita esteja ligado à cidade, como aconteceu com a presença do grupo no dia das comemorações da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. Tal como em 28 de Novembro de 1936, retomou-se o hábito de conferências no Martinho da Arcada, assim como noutros espaços de Lisboa que vão abrindo as suas portas para receberem os Amigos de Lisboa. Das muitas actividades que se concretizaram ao longo destes perto de 70 anos destacam-se: a colocação de



> Festival de folclore da Casa do Concelho de Cinfães > Aniversário do Grupo de Amigos de Lisboa > Marcha de Marvila, vencedora em 1995

lápides evocativas de personalidades, acontecimentos ou locais; a organização de exposições, conferências, colóquios e cursos; o estar no centro da discussão da própria cidade, na defesa do antigo que se justificar, na defesa do moderno que não prejudique o antigo ou no impedimento de novos equipamentos que venham perturbar as pré-existências citadinas. Os Amigos de Lisboa, que viram as suas opções reconhecidas com a Medalha de Ouro da Cidade, em 1956, pela Câmara Municipal de Lisboa e, pelo Governo, em 1980, com a designação de utilidade pública, prometem continuar na defesa intransigente do património da cidade.

Quanto ao lazer, destacam-se as casas regionais existentes na Freguesia e que são as seguintes: Casa do Concelho de Cinfães; Casa do Concelho de Castro Daire; Casa do Concelho de Arcos de Valdevez.

A actividade destas associações tem toda a razão de per-

manecer nesta Freguesia dado que grande parte da população residente é ou foi originária das respectivas regiões que estas casas representam.

Foram as diversas regiões que se instalaram na Freguesia que a Marcha de Marvila quis registar nos seus arcos alusivos às ruas das aldeias portuguesas. Esta marcha estreou-se em 1952 e era apresentada no programa, deste modo:

Organizada pela Sociedade 3 de Agosto de 1885 a Marcha de Marvila vai dar brado. Gente de trabalho, há-de trabalhar com alegria nesta nova marcha que por ser novidade com gosto será aceite.

Em poucas palavras, estava tudo dito. Ora, a Zona Oriental não fez parte das primeiras experiências deste tipo de manifestação popular, que se iniciou com uma apresentação de ranchos, em 1932, no Parque Mayer, vesti-

dos à maneira do Minho, das tricanas de Leiria e das camponeses da Estremadura, e costumes regionais do Douro e da Estremadura. No ano seguinte, tudo se repetiu com mais três marchas a participar. Utilizando as expressões rancho e marcha ao mesmo tempo, foram evocadas as regiões de Ovar, do Douro, da Estremadura, do Alentejo, do Minho e algumas figuras de Lisboa.

Está, portanto, mais do que justificado o facto de a Marcha de Marvila ter ganho um concurso atendendo, entre outros aspectos, às regiões que quis homenagear.

A Zona Oriental começa a ser lembrada em 1935, quando participou, apenas nesse ano, o bairro de Chelas, mas que representava mais a Picheleira, pretendendo, no entanto, “apanhar as moças das fábricas” que vinham de diversos pontos do País.

Em 1952, quando surge a Marcha de Marvila a concurso, ainda não existia como Freguesia de Lisboa, assim como o Beato, que vai nesse ano com o estatuto de extraconcurso. Mas a curiosidade está em que Marvila, que estava tão fora da divisão administrativa de Lisboa como o Beato, integra-o nos seus versos, da autoria de Frederico de Brito e música de Alves Coelho:

(...)

*Cá na marcha não faltou ninguém;
vem Marvila p´ra mostrar quem é,
o Beato também vem,
pois o Grilo, quis também
vir na marcha a dar ao pé.*

(...)

Nesse ano de estreia, e por esse motivo abriu as exposições no Pavilhão dos Desportos, Marvila recebeu o Prémio da Simplicidade. Vestia meio campesina, meio borda de água. Satisfez.

Em 1955, Marvila vestiu de lilás e branco dando o braço a seu par de casaca vermelha, calça preta e polaina alvejante. Ficou famoso o estribilho da sua marcha:

*É mês sem rival,
em Portugal,
este mês de Junho em flor.
Na terra há canções,
no ar há balões
e, nos corações,
Amor!*

Do seu historial ainda se pode destacar que foi madrinha Helena Tavares, em 1964.

A colectividade responsável desde sempre pela organização da marcha, a Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885, tem o nome da data da sua fundação e fica no



> 25.º aniversário da Escola João dos Santos

átio do Palácio Marquês de Abrantes, na Rua de Marvila, conhecido pelo Pátio do Colégio. Por falta de espaço, os ensaios deixaram de ser no Pátio do Colégio e passaram para o Centro de Apoio Social de Lisboa, na Mitra. O pátio ficou livre para a organização dos arraiais populares e para as actividades da restante massa associativa. Ainda hoje, como no passado, a marcha representa a sua Freguesia e a do Beato, mantendo a tradição de ter presente a zona que foi rural, industrial, de conventos e quintas, de fábricas e operários, e de gente que vindo, essencialmente, do Norte, fez da Freguesia a *terra natal*.

Continuando nestes aspectos lúdicos, também a população local desenvolve actividades como a jardinagem e a horticultura.

A existência de vários ATL's (Ateliers de Tempos Livres) é significativa para uma Freguesia que apresenta um

índice de crescimento populacional grande e com um grupo etário jovem numeroso. O lazer é extensivo aos campos e espaços desportivos, bem como às zonas verdes como os belos Parques da Bela Vista e do Vale Fundão. Entre as colectividades existentes, destacam-se várias de índole cultural, como é o caso da ACULMA – Associação Cultural de Marvila e da Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885. Das muitas que se dedicam a práticas desportivas, Marvila conta com um potencial associativo de cerca de vinte colectividades.

Julgamos poder afirmar que o clube desportivo de maiores tradições seja o Clube Oriental de Lisboa, resultante da fusão de três outros clubes, em 1946: Fósforos, Chelas e Marvilense. Além das instalações que se distribuem por Marvila, ainda mantém a subsede na Rua Gualdim Pais, ao Beato.

V. Terra e pessoas

O território

A área desta Freguesia é de 6,3 quilómetros quadrados. Os limites do seu território encontram-se descritos no decreto-lei de 1959 que a criou, a saber, de acordo com a toponímia da época:

Partindo, perpendicularmente, da margem do rio Tejo, na direcção Noroeste, contorna, pelo Nordeste e pelo Poente, as instalações da

Companhia Industrial de Portugal e Colónias no Beato, passando pela linha divisória entre as referidas instalações e as da Sociedade Nacional de Sabões e rodeando, pelo Sul, estas últimas, até atingir a Rua de Marvila; segue para Sudoeste, pelo eixo desta rua, e até ao ponto em que, na altura da Manutenção Militar, a mesma rua se cruza com o eixo da projectada III Circular; inflecte para Noroeste, pelo eixo da III Circular, até à avenida do Aeroporto; tomando a direcção Norte, passa pelas traseiras das casas do lado oriental da referida avenida, até à rotunda do Aeroporto; segue ainda pelo eixo da II Circular; desvia-se para Sueste, ainda pelo eixo da II Circular, e continua no seu prolongamento, até atingir o rio Tejo, prossegue, finalmente, para Sudoeste, pela margem do rio, até ao ponto de partida.

Como se verifica da leitura desta descrição, o território



> Vista geral sobre o Bairro da Prodac

desta Freguesia foi delimitado, como muitas outras, pelo Tejo e por grandes vias de comunicação, algumas delas entretanto implantadas enquanto outra, a III Circular, não passou de projecto. Também se observa que as grandes empresas fabris, face à sua importância no território, serviram de ponto de referência à própria delimitação. Também será curioso registar que na Avenida do Aeroporto (hoje Avenida Gago Coutinho) a linha limite passa por trás das casas e não pelo eixo daquela avenida, o que evidencia bem o espírito classicista desta delimitação porquanto se tratava de vivendas de luxo e houve, nitidamente, a intenção de as integrar numa Freguesia que, à data, teria uma caracterização social mais consentânea. A referência à chamada II Circular diz respeito à Avenida General Gomes da Costa.

A Freguesia, com a área de que dispõe, é a quarta da cidade, após Santa Maria dos Olivais, Benfica e Lumiar.